

UM DIÁLOGO COM BEATRIZ DO NASCIMENTO E BELL HOOKS SOBRE O AMOR ENTRE MULHERES NEGRAS: práticas pedagógicas na extensão universitária do Coletivo Lélia Gonzalez, Presente!, ciclo formativo (2025), Unilab-Redenção-Ceará

Ana Maria Pereira Galliez³⁴

Claudia Patricia Rodrigues de Oliveira³⁵

Jacqueline da Silva Costa³⁶

Resumo

Este artigo relata a experiência do Projeto de Extensão e Pesquisa “Rede de Estudos e Formação Lélia Gonzalez, Presente!”, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE), coordenado pela Profa. Dra. Jacqueline Costa. A iniciativa promove formação interdisciplinar, intelectual e política sobre o pensamento feminista negro e o empoderamento de mulheres negras. A ação descrita integra o Coletivo Lélia Gonzalez, com foco em formação em feminismo negro. Apresentamos reflexões a partir das obras de duas intelectuais negras: Beatriz Nascimento, com o texto “A mulher negra e o amor” e suas abordagens de um amor decolonial e afrocentrado; e bell hooks, com “Vivendo de amor”. A experiência consistiu na construção de uma aula-vivência realizada em 2025 com cerca de 40 mulheres, majoritariamente negras, de diferentes regiões do Brasil. A metodologia adotada teve como base a escuta, a observação e o registro crítico (Paulo Freire, 1996), e a escrivência (Conceição Evaristo, 2020), que valoriza experiências individuais como expressão coletiva. A vivência possibilitou um espaço seguro de partilha e reflexão sobre como o amor nos é ensinado, vivido e negado. Concluímos destacando a

³⁴Graduada em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Técnica em Design de Comunicação Gráfica e Teatro Universitário. Aprendiz em Telecomunicações. Conhecimento em Inglês, Francês e Espanhol. Terapeuta holística. Atua nas áreas de Comunicação Comunitária, Arte, Cultura, Agroecologia e saúde. Possui experiência em produções de rádio, TV, audiovisual, assessoria, impresso e Web. Está produzindo um documentário sobre a Agroecologia, participa de um grupo de pesquisa/ extensão em Danças brasileiras. lattes.cnpq.br/9422721498655435; Email: amap08@gmail.com

³⁵Psicóloga e bacharel em direito, cursando especialização em Docência e Gestão do Ensino Superior. Atua com foco em direitos humanos, saúde mental e educação. Em formação na Clínica Decolonial Afrodiaspórica e estudos em Psicologia Preta com abordagem em TCC. Cursa extensão em Educação Especial na perspectiva inclusiva. Integra saberes acadêmicos e ancestrais, com atuação ética, crítica e comprometida com o cuidado, a diversidade e a justiça social. CV: <http://lattes.cnpq.br/5591642090147894>; Email: claudiaaguilar16@hotmail.com

³⁶Doutora em Sociologia (UFSCar). Professora Adjunta III do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-Ceará). Professora Permanente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH). Coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão Lélia Gonzalez, Presente! Líder do Grupo de Pesquisa “Lélia Gonzalez, Presente”. <https://lattes.cnpq.br/3988962683769172>; Email: jacquelinecosta.sol@unilab.edu.br

relevância da continuidade dos estudos e da efetivação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 no meio acadêmico como formas de reparação e valorização do saber negro.

Palavras-chave: Feminismo Negro; educação; escrevivência; amor; leis afirmativas.

A DIALOGUE WITH BEATRIZ NASCIMENTO AND BELL HOOKS

ON LOVE BETWEEN BLACK WOMEN: Pedagogical Practices in the University Extension

Program of the Lélia Gonzalez Collective, Present!

Abstract

This article reports on the experience of the Extension and Research Project “Lélia Gonzalez Study and Training Network, Present!”, affiliated with the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (Unilab – CE), under the coordination of Jaqueline Costa. The initiative aims to promote interdisciplinary, intellectual, and political training grounded in Black feminist thought and the empowerment of Black women. The described action is part of the activities of the Lélia Gonzalez Collective, focusing on critical education in Black feminism. In this context, we present reflections based on the works of two Black intellectuals: Beatriz Nascimento, particularly her text “Black Women and Love”, which proposes a decolonial and Afrocentric approach to love; and bell hooks, with “All About Love”, where love is explored as a practice of freedom. The analyzed experience consisted of a participatory class held in 2025, involving approximately 40 women—mostly Black—from various regions of Brazil. The methodology was based on attentive listening, observation, and critical recording (FREIRE, 1996), as well as on the concept of escrevivência (EVARISTO, 2020), which values individual experiences as collective expressions. The session provided a safe space for sharing and reflecting on how love is taught, experienced, and denied. We conclude by emphasizing the importance of continuing such studies and effectively implementing Laws 10.639/03 and 11.645/08 within academic institutions as means of reparative justice and recognition of Black knowledge systems.

Keywords: Black feminism; education; escrevivência; love; affirmative policies.

UN DIÁLOGO CON BEATRIZ NASCIMENTO Y BELL HOOKS

SOBRE EL AMOR ENTRE MUJERES NEGRAS: prácticas pedagógicas

en la extensión universitaria del Colectivo Lélia Gonzalez, ¡Presente!

Resumen

El presente artículo relata la experiencia del Proyecto de Extensión e Investigación “Red de Estudios y Formación Lélia Gonzalez, ¡Presente!”, vinculado a la Universidad de la Integración Internacional de la Lusofonía Afrobrasileña (Unilab – CE), bajo la coordinación de Jaqueline Costa. La iniciativa tiene como objetivo promover una formación interdisciplinaria, intelectual y política basada en el pensamiento feminista negro y en el empoderamiento de mujeres negras. La acción descrita forma parte de las actividades del Colectivo Lélia Gonzalez, con enfoque en la formación crítica en feminismo negro. En este contexto, presentamos reflexiones basadas en las obras de dos intelectuales negras: Beatriz Nascimento, especialmente con el texto “La mujer negra y el amor”, que propone un enfoque decolonial y afrocentrado del amor; y bell hooks, con su obra “Viviendo de amor”, que aborda el amor como una práctica de libertad. La experiencia analizada consistió en la construcción de una clase-vivencia realizada en 2025, con la participación de aproximadamente 40 mujeres, en su mayoría negras, provenientes de diferentes regiones de Brasil. La metodología adoptada se fundamentó en la escucha sensible, la observación y el registro crítico (FREIRE, 1996), así como en la “escrevivencia” (EVARISTO, 2020), que valora las experiencias individuales como expresión colectiva. La vivencia permitió la creación de un espacio seguro de intercambio y reflexión sobre cómo se nos enseña, vivimos y se nos niega el amor. Concluimos destacando la relevancia de la continuidad de estos estudios y de la implementación efectiva de las Leyes 10.639/03 y 11.645/08 en el ámbito académico como formas de reparación y valorización del saber negro.

Palabras clave: Feminismo negro; educación; escrevivencia; amor; leyes afirmativas.

INTRODUÇÃO

No ano de 2024, ingressamos no Projeto de Extensão e Pesquisa “Rede de Estudos e Formação Lélia Gonzalez, Presente! como cursistas. Ao final do curso em 2024 fomos convidadas pela coordenadora do projeto, Profa. Dra. Jacqueline Costa, para compor a equipe de formadoras para o 4º. Ciclo Formativo, assim como propõe Paulo Freire em sua pedagogia da liberdade. Para isso, nos comprometemos em participar dos encontros técnicos para o desenvolvimento das aulas. Por sermos terapeutas escolhemos o módulo que estudasse o tema do amor e como ele é construído e vivido por nós, mulheres negras.

Segundo Hooks (ano 2023, pg.171) “O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar.” A autora nos convida a refletir sobre nossa construção de amor a partir de uma perspectiva ancestral e em comunidade.

Dessa maneira, realizamos as leituras previamente e montamos uma apresentação com slides para nos guiar nessa condução. Solicitamos ao grupo gestor parceiras para pensar as dinâmicas de abertura e encerramento do dia. Nossas companheiras propuseram que durante os dias anteriores as cursistas pudessem postassem no grupo de whatsapp deste ciclo fotografias de família que retratassem o amor. Dessa maneira buscamos envolver o grupo previamente para que no dia da vivência todas estivessem engajadas.

Nos reunimos para dialogar sobre o texto e surgiram perguntas norteadoras. Sabemos pelas leituras e por nossa experiência prévia que o amor é verbo e como verbo indica uma ação. Agimos: Como mulheres negras indagamos: como é, como foi e como se deu nossa relação de amor com nossas mães, com nossas avós e provocamos o sentipensar[1] com as seguintes perguntas:

[1] "Sentipensar" é um conceito que se refere à integração entre pensamento e sentimento, onde razão e emoção trabalham juntos em harmonia, em vez de serem vistos como entidades separadas. Originário de comunidades pesqueiras colombianas e popularizado por Orlando Fals Borda, o termo descreve uma forma de conhecimento que valoriza tanto a lógica quanto a intuição e as emoções.

- Como o racismo afeta nossa possibilidade de amar e ser amadas?

- Que tipo de amor nos é recusado?
- Que amor desejamos construir entre nós?
- Como esses textos nos ajudam a recuperar a confiança no cuidado e no afeto?
- O que esse texto me faz sentir?
- Qual a maior dor e qual a maior potência que aparece aqui?
- “A mulher negra ama, mas o amor muitas vezes lhe é negado.” — Beatriz Nascimento
- O que isso significa para você?
- O que significa amar a si como mulher negra numa sociedade que nos desama?
- O que bell hooks nos ensina sobre a construção de vínculos reais?
- Como o amor entre mulheres negras pode se tornar um ato revolucionário?

Para Hooks, o sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. (HOOK, S2023, pg.155)

Na roda, muitas mulheres levantaram esse sentimento, não se percebiam amadas, valorizadas desde seus ancestrais e sentiam profunda dificuldade para viver o amor, seja ele, entre mulheres, romântico e/ou familiar. Na perspectiva histórica o medo de amar, condiz a uma vulnerabilidade e que por vezes acabamos por reprimir nossas emoções pois elas podem ser “ ruins”.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem. (HOOKS , 2023 pg. 154)

Já para Beatriz do Nascimento,

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente numa sociedade desse tipo, mas ela é levada a se individualizar. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualização e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento a atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação do dual teme a potência da mulher. (NASCIMENTO, pg. 234)

Sobre o Coletivo

Projeto de Extensão e Pesquisa “Rede de Estudos e Formação Lélia Gonzalez, Presente!” Formação Interdisciplinar, Intelectual e Político sobre o Pensamento Feminista Negro, Conhecimento e Empoderamento de Mulheres Negras nasce da experiência vivenciada em sala de aula, sobretudo no período da pandemia, do livro de Patrícia Hill Collins, Pensamento Feminista Negro, (sobretudo para descrever a dor coletivo sentida naquele momento o conceito de lugar seguro foi um conceito, formulado pela autora, que usamos muito para definir o espaço virtual da sala de aula), ministrado na componente optativa Feminismos Contra Hegemônico[1], no Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Unilab, na cidade de Redenção-Ceará. De acordo, com a Profa. Dra. Jacqueline Costa ela assumiu essa componente entre os anos de 2020 a 2021, totalizando 4(quatro) semestres dialogando e formulando seus conceitos outros sobre o feminismo negro, a partir do seu cotidiano de mulher preta, migrante e com redisência no interior do Ceará. Naquele momento incorporou novos textos de autoras que já se faziam presentes na ementa, para citar, Lélia Gonzalez, bell hooks, Patrícia Hill Collins, Sueli Carneiro, entre outras. Em setembro de 2021, ela soube de um Edital que seria lançado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX- Unilab). Viu neste edital a oportunidade de trabalhar a produção das intelectuais negras (brasileiras, africanas e norte-americanas negras) dentro e fora da universidade no formato de extensão universitária, foi então que convidou as Profas. Marcelle Carvalho[2] (IH-Unilab), Eliane Barbosa (Curso de Administração-Unilab) e profa. Maria Yasmin Rodrigues[3], professoras negras e engajadas, para compor a equipe e submeterem o projeto de formação em rede sobre pensamento feminista negro para outras mulheres e que não faziam parte do ambiente acadêmico. Assim o Coletivo, foi pensado para realizarencontros formativos sobre o pensamento feminista negro, e a intelectualidade, e política de mulheres negras e empoderamento das mesmas, visa também construir espaços de discussão

para formação intelectual e política, um lugar seguro e de acolhimento para todas as mulheres/cursistas.

Tem como público a comunidade acadêmica unilabiana do campus CE/BA e a comunidade externa (estudantes de outras IES, professoras da rede, lideranças políticas e lideranças de movimentos sociais). A metodologia empregada tem como base o método Paulo Freire que se dá com encontros formativos de base, dialógico, reflexivo e com um processo avaliativo constante. Os encontros foram pensados para acontecer no formato virtual (no formato das aulas lá atrás), por meio da plataforma do zoom, a cada dois sábados do mês, no período da manhã.

E para fins organizacionais e melhor relação entre participantes o projeto tem uma Coletiva Gestora que gerencia as ações do projeto como, o armazenamento das aulas gravadas na plataforma Zoom, plataforma cedida em uma parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) por meio da Secretaria Nacional de Mulheres. Os textos são sugeridos para leitura para as formações são encaminhados antecipadamente via email e via grupo de Whatsapp, espaços este em que os (as) cursistas podem acessar os materiais e também entrar em contato com a coletiva.

Sobre a Unilab

Em 20 de julho de 2010, a Presidência da República sancionou a Lei nº 12.289 instituindo a Unilab como Universidade Pública Federal. Desta forma, a Unilab nasce baseada nos princípios de cooperação solidária entre os povos. Em comum acordo com os países parceiros, tornou realidade a criação de uma universidade no Brasil alinhada à integração com o continente africano, principalmente com as nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que são eles, Angola, Brasil (indígenas, quilombolas, negros, ciganos, povos e comunidades tradicionais, refugiados, pessoas com deficiência, pessoas trans e egressos do sistema prisional), Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Em 2025, completa 25 anos, período importante de atuação no Maciço de Baturité, na grande Fortaleza e municípios que abrigam comunidades quilombolas, comunidades ciganas e comunidades indígenas. Gestores (as), professoras (os) e estudantes, reconhecem avanços ao dar oportunidade para milhares de estudantes nesse importante projeto de uma educação avançada e de qualidade, que vem formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado e fomentar o desenvolvimento social e econômico nos países da CPLP e ser reconhecida também como uma

universidade como conquista da luta do Movimento Negro. Por outro lado, consideram pouco eficaz as políticas internas de permanência e estruturais como, residências universitárias, restaurante universitário, laboratórios, salas de aula e áreas de lazer.

O amor como um processo de cura emocional

Bell Hooks afirma que uma das principais tarefas das mulheres negras no processo de cura emocional é compreender o que é o amor, a fim de romper com a crença de que amor e abuso podem coexistir. Essa afirmação, aparentemente simples, é uma verdadeira convocação à descolonização afetiva, ela afirma que, “Mulheres negras, historicamente, foram ensinadas a amar a partir da dor: a amar os que ferem, quem a fere e a obriga a sustentar relações violentas, provas de força e fidelidade”. (HOOKS, pg.151)

Essa afirmação pode ser analisada com a fala de [CO1] como vamos chamá-la para manter o anonimato, ela inicia dizendo seu nome, “Meu nome é em homenagem a dona da fazenda em que minha mãe e eu trabalhávamos, ele diz que eu sou difícil de lidar, como se fossemos animais. (CO1, mulher negra, 55 anos)”

Essa distorção é herança direta do colonizador que invisibiliza o sofrimento negro, sequestrando a possibilidade de amar com liberdade. E romper com essa lógica é, portanto, um ato de insurgência subjetiva.

Amar com consciência é escolher não repetir as cenas coloniais que nos ensinaram a suportar o insuportável em nome de um amor que nunca foi nosso.

O sistema de dominação opera também em nossa afetividade: ele mina a possibilidade de autocuidado, destrói a autoestima desde a infância e molda os vínculos de forma que o afeto seja confundido com controle ou posse.

Essa sabotagem emocional serve à manutenção da ordem colonial, porque uma mulher negra que não se ama é mais fácil de ser explorada, violentada e silenciada. Na aula foi apresentada a dinâmica do espelho que baseava-se em questionamentos que a fizeram se olhar por alguns minutos sem os inúmeros julgamentos. Ao reconstituir a própria capacidade de amar a si mesma e aos outros a mulher negra recupera sua agência.

O amor, nesse contexto, é uma tecnologia radical de libertação e reconstrução do eu.

Olhares sobre auto amor

Em um mundo que seleciona quais dores importa, reconhecer o sofrimento de mulheres pretas é um ato de rebeldia. Existe um privilégio brutal em ter sua dor legitimada. A história nos mostra que alguns corpos são autorizados a quebrar, chorar e serem cuidados. Outros, especialmente os nossos, não.

A dor dessas mulheres é sistematicamente ignorada, silenciada, distorcida. É o que Hooks nomeia como o resultado da intersecção entre racismo, sexismo e classismo: uma combinação que produz um apagamento cruel. O corpo preto, é constantemente empurrado para a margem da empatia social.

A violência estrutural que marca a história das mulheres negras constrói uma relação contraditória com o amor. A negação sistemática de nossos sentimentos é ensinada desde cedo. Somos punidas por demonstrar emoções, treinadas para conter o choro, desacostumadas à ternura. Em vez de afeto, recebemos exigências. Em vez de cuidado, obrigação. Escolher amar-se e amar as outras é um ato político. É decidir que nossas emoções importam, que nossos corpos merecem descanso, que nossa existência é digna de leveza.

Para a autora, o amor não é sentimento passivo, é prática ativa: cuidado, comprometimento, escuta e respeito. E, sim, também é uma reconstrução. Pois amar, para nós, é aprender a se ver com novos olhos, é desfazer anos de socialização que nos disseram que nossas necessidades emocionais eram irrelevantes.

E isso não se dá sozinhas. Amar também é reconhecer no olhar da outra mulher preta uma aliada, uma espécie de espelho ancestral que diz: eu também sangro, eu também sonho. Como diz Hooks: “As mulheres negras que escolhem praticar pela primeira vez (note a ênfase na escolha) a arte e o ato de amar devem dedicar tempo e energia para demonstrar seu amor por outras pessoas negras conhecidas e desconhecidas”. (p. 168)

Enegrecer as narrativas nos auto referenciar

Bell hooks (1952-2021) foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins, nasceu em Hopkinsville, ao sul dos EUA, em 25 de

setembro de 1952. Com uma longa trajetória acadêmica, Bell escreveu e publicou mais de 30 livros, em que apresenta sua visão de mundo empática e de resistência. Os temas que defendia em sua obra são a luta contra o racismo, a importância do amor, a desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista.

Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) foi uma historiadora, professora, poeta e ativista antirracista brasileira, conhecida por sua importante contribuição ao estudo da história negra no Brasil e ao movimento negro. Nascida em Aracaju, Sergipe, e radicada no Rio de Janeiro, Beatriz se destacou por sua dedicação à valorização da história e cultura afro-brasileira, além de ter sido uma figura central na retomada dos movimentos sociais negros.

Beatriz Nascimento também é considerada uma das precursoras da abordagem interseccional, ao relacionar raça, gênero e classe em seus estudos.

A solidão da excelência: reflexões a partir de Beatriz Nascimento

“Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente numa sociedade desse tipo, mais ela é levada a se individualizar.” (Beatriz Nascimento, p. 234)

Nesta afirmação, Beatriz Nascimento escancara o que chamamos de ascensão solitária. A mulher negra que ousa se destacar, conquistar diplomas, acessar espaços de prestígio e ocupar cargos de poder, espaços historicamente negados a ela frequentemente é empurrada para um caminho de isolamento. Essa solidão não é fruto de escolha individual, mas efeito de uma estrutura racista e patriarcal que não comporta a coletividade potente de mulheres negras em movimento. Ao crescer profissionalmente, ela muitas vezes precisa cortar laços, não por desejo, mas porque seu entorno nem sempre consegue acompanhar essa jornada. O preço da excelência, neste caso, é a desconexão.

“Sua rede de relações também se especializa.”

Com o avanço profissional, há também um afinamento das relações interpessoais. Os vínculos afetivos e sociais passam a orbitar o mesmo campo de atuação, limitando as trocas a redes cada vez mais formalizadas, elitizadas e técnicas. A ancestralidade comunitária que sustenta o corpo

preto vai sendo empurrada para as margens, tornando-se exceção. A mulher negra que antes se fortalecia na coletividade passa a lidar com o desafio de se manter conectada a seus afetos enquanto tudo ao redor exige performance, formalidade e excelência constante.

Segundo Nascimento (2021) “sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualização e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro”. Aqui, a autora revela o que essa trajetória faz com o interno: o psíquico da mulher negra torna-se um campo de tensão. De um lado, o orgulho por vencer barreiras históricas; de outro, a dor de nunca ser percebida como suficiente seja no mercado de trabalho, nos espaços acadêmicos ou nas relações afetivas. Esse embate constante desestabiliza o desejo, enfraquece a crença no amor e mina a autoestima. É como se o afeto só fosse permitido se vier de um lugar de fragilidade e não da força que essa mulher representa. A potência assusta, porque desafia os modelos coloniais que ainda moldam o amor e as relações. “...na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação do dual, teme a potência da mulher” (p. 235).

A crítica de Nascimento se volta então ao outro àquele que se relaciona com essa mulher. Não é que a mulher negra seja difícil de amar, mas sua potência desconcerta. Ela não se encaixa no modelo de passividade e submissão que muitas vezes estrutura as relações heteronormativas, racistas e patriarcais. O medo do outro diante de sua autonomia é, na verdade, uma reação à quebra dos pactos de masculinidade frágil, da centralidade branca e da lógica de controle. A mulher negra potente não cabe nessas relações formatadas. E isso a torna, para muitos, não desejável, mas, para si mesma e para suas iguais, ainda mais valiosa.

Quando, enquanto mulheres negras, experimentarmos plenamente o poder transformador do amor em nossa vida, nós testemunharemos publicamente de uma forma que desafiará as fundações das estruturas sociais existentes. Seremos mais plenamente fortalecidas para abordar o genocídio que diariamente tira a vida das pessoas negras homens, mulheres e crianças. Quando sabemos o que o amor é, quando amamos, nós somos capazes de sondar nossas memórias e ver o passado com novos olhos; somos capazes de transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2021, p. 171).

Nesta perspectiva, o amor é compreendido como prática de resistência antirracista e anticolonial, que reorganiza o tempo e reorienta os vínculos. Quando acessado em sua profundidade por mulheres negras, o amor se torna um gesto de insubordinação à lógica do apagamento, ao mesmo tempo em que permite elaborar o trauma e resgatar narrativas afetivas soterradas.

Hooks (2021) nos convida a compreender o amor como força coletiva capaz de restituir o passado, curar o presente e projetar futuros outros. O testemunho público do amor esse amar que não se esconde, que não se reduz à esfera privada passa a confrontar diretamente as estruturas que sustentam o racismo, o sexismo e o genocídio cotidiano da população negra. Assim, amar torna-se uma prática de cura e também de denúncia, pois desafia a desumanização sistemática imposta às pessoas negras.

A autora ainda aponta que, ao saber o que é o amor e ao praticá-lo, as mulheres negras tornam-se capazes de recontar suas próprias histórias com outros olhos. Trata-se de reconstituir a própria subjetividade fora das molduras coloniais, recuperando o corpo, a memória e a ancestralidade como territórios sagrados. Nesse sentido, o amor não é apenas um recurso afetivo, mas uma metodologia de reumanização.

Contra narrativas do cuidado: orientação para as Formadoras, uma metodologia

Ensinar exige saber escutar

Sobre o ato de ensinar, Paulo Freire, na sua obra *Pedagogia da autonomia* (1996) nos convida à reflexão de que este ato está intimamente ligado à escuta. A experiência vivenciada na Educação Popular pode ser levada para a sala de aula e experimentada como uma prática libertadora de educar, que mais tarde foi referenciada por Bell Hooks em seu livro *Ensinando a transgredir*. Freire compartilha a experiência de troca de experiência pedagógica de professora de crianças e de adolescentes com professora, grupos de amigos e amigas recentemente, dentre elas, a professora Olgair Garcia, lhe disse,

Vinha observando quão importante e necessário é saber escutar. Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a ferir com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 1996, p. 58).

Para realizar a dinâmica “Espelho de Identidade”, pedimos que cada formadora levasse um espelho de mão (podia ser pequeno, artesanal, com moldura simples ou ornamentada). O espelho seria usado como instrumento simbólico de autorreconhecimento, cura e beleza ancestral. Que cada olhar refletido seja também uma lembrança de quem somos: filhas do ouro, da água doce, da força e do axé.

Freire nos dá o testemunho sobre um intenso processo de produção teórico-crítica a partir da permanente reflexão sobre suas vivências, argumentando que essa produção intelectual não tem um fim em si; a riqueza do processo encontra-se justamente na relação dialética que se estabelece entre escrita e oralidade, entre teoria e prática, na qual a interação assume um caráter fundamental de realimentar o próprio processo de escrita, orientando-a no sentido de novas necessidades. Assim, confia que juntou ao hábito de escrever o de compartilhar a escrita com amigos, “[...] discutindo achados e não apenas meus textos, debatendo dúvidas, interrogando-nos, desafiando-nos, sugerindo-nos leituras, surpreendendo-nos”. (FREIRE, 1996, p. 52).

Dinâmica do Espelho: proposta de autorreconhecimento no ambiente virtual

Como parte da aula-vivência sobre o amor entre mulheres negras, desenvolvemos e aplicamos a Dinâmica do Espelho, adaptada para o formato online. A proposta teve como objetivo fomentar o autorreconhecimento, o acolhimento de si e a prática do amor-próprio como ato político e ancestral. Mesmo mediada por tela, a atividade se mostrou potente e afetiva. Abaixo, detalhamos cada etapa da dinâmica:

1. Preparação e conexão inicial (10 minutos)

A atividade teve início com uma roda de conversa virtual, realizada por meio de plataforma de videoconferência (Zoom). Para estimular a escuta sensível e criar um clima de confiança, Em seguida, cada participante foi orientada a buscar um espelho de mão, de parede ou utilizar a própria câmera do celular como recurso de reflexão visual lançamos as seguintes perguntas ao grupo:

- “Como você se sente quando se olha no espelho?”

- “Você se olha com carinho ou com julgamento?”

As participantes foram convidadas a responder no chat com uma palavra ou pequena frase, o que ajudou a criar vínculo entre os corpos conectados na sala virtual, ainda que fisicamente distantes.

2. Momento de espelho individual (5–10 minutos)

. A condução seguiu com a seguinte orientação verbal:

“Agora, pegue seu espelho e, sem pressa, olhe para você. Com curiosidade, com gentileza. Como quem está conhecendo alguém incrível pela primeira vez.

O que você vê? O que sente? O que tem evitado olhar?”

Sugerimos que podiam desligar as câmeras durante esse momento, para garantir maior conforto e intimidade. Essa pausa silenciosa teve o intuito de deslocar o olhar cotidiano muitas vezes automatizado e julgador para um olhar ritualizado e amoroso.

3. Reflexão escrita (10–15 minutos)

Após o momento de silêncio e contemplação, foi proposto que cada participante escrevesse/falasse brevemente sobre a experiência. As perguntas disparadoras foram:

- “O que eu vejo em mim que merece ser valorizado?”
- “Que palavra ou frase eu gostaria de ouvir de mim mesma hoje?”
- “Que parte minha eu quero acolher?”

Essas reflexões puderam ser feitas em documentos pessoais, cadernos ou até no chat da sala, conforme o desejo de cada pessoa.

4. Compartilhamento coletivo (opcional, 10 minutos)

Foi aberto um espaço para partilha voluntária. Quem se sentiu à vontade pôde verbalizar ou escrever no chat palavras, frases ou sensações vivenciadas durante a dinâmica. Reforçamos o caráter seguro do espaço, baseado na escuta empática e no não julgamento. Também foi enfatizado que o silêncio também era uma forma válida de presença.

5. Encerramento (5 minutos)

A dinâmica foi encerrada com palavras de gratidão e reconhecimento pela coragem de cada participante em se olhar com presença.

Figura 1 - Apresentação institucional do Coletivo Lélia Gonzalez, Presente!: extensão universitária voltada à formação política e afetiva de mulheres negras.



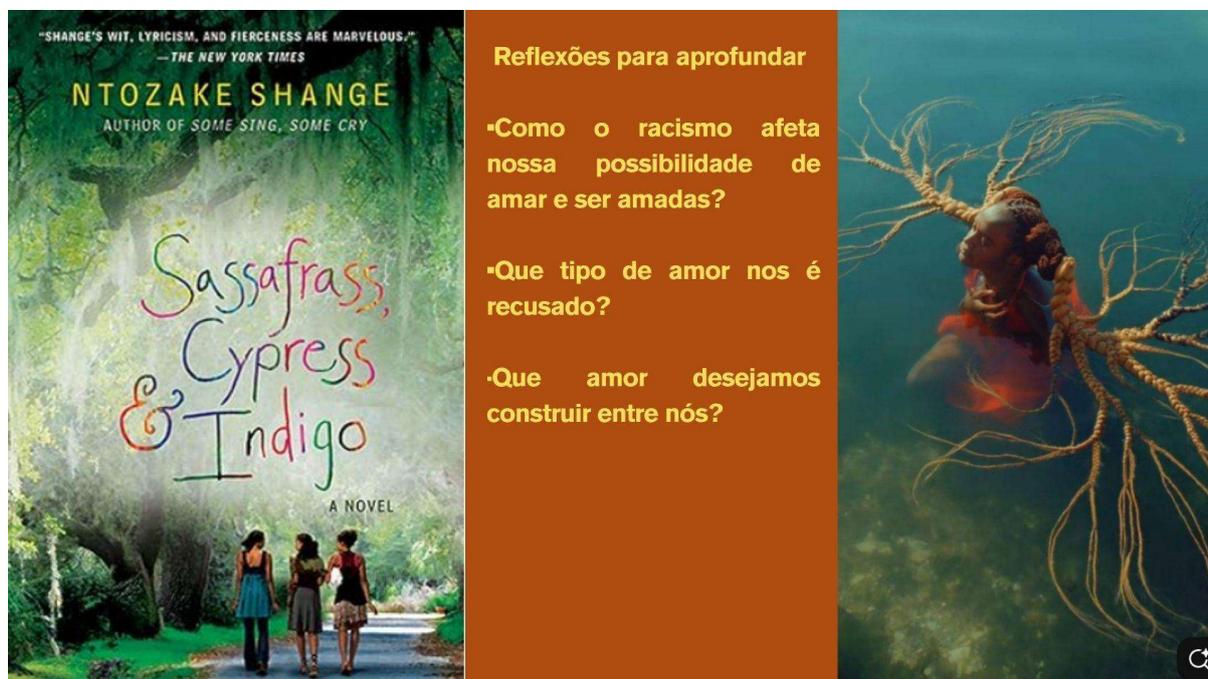
Fonte: Elaboração própria com base nas ações formativas do projeto (2025).

Figura 2 - Título da aula-vivência “O amor cura”: proposta formativa inspirada nas obras de Beatriz Nascimento e bell hooks, realizada pelo Coletivo Lélia Gonzalez, Presente! na Unilab (2025).



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 3 – Referências teóricas: bell hooks e Beatriz Nascimento, intelectuais negras que fundamentam a prática pedagógica do projeto.



Fonte: Elaboração própria a partir da apresentação “O amor cura” (2025).

Figura 4 – “Espelho da Identidade”: recurso visual para reflexão subjetiva sobre pertencimento, autoestima e ancestralidade.



Fonte: Elaboração própria a partir da vivência com mulheres negras no ciclo formativo da Unilab (2025).

Resultados parciais

Projeto de Extensão e Pesquisa *Rede de Estudos e Formação Lélia Gonzalez, Presente! Formação Interdisciplinar, Intelectual e Político sobre o Pensamento Feminista Negro, Conhecimento e Empoderamento de Mulheres Negras*, pode ser considerado um espaço revolucionário. Nele mulheres se re-conhecem negras, enxergam suas dores e se transformam em potência, somos prova disso. O que precisamos é cada vez mais de espaços e oportunidades para produzir e fortalecer as lutas de combate ao racismo e sexismo.

Observamos assim a criação de um espaço potente de formação/escuta e autocuidado e sororidade, interesse de pessoas de diferentes regiões do Brasil que querem desenvolver atividades com o tema afim em seu espaço de atuação, e por fim as trocas de experiências e a importância da inclusão dos temas abordados ao longo dos encontros formativos nos currículos escolares no contexto da universidade e da educação básica.

Consideramos a importância desse trabalho formativo na vida das pessoas, sobretudo de mulheres negras gerando uma autoconfiança e sentimento de pertença a um grupo social com experiências semelhantes e o fortalecimento de uma agenda com ações para o “bem viver”.

[1] Essa componente/disciplina foi criada em 2016, por duas professoras do antigo Instituto de Humanidades e Letras (IHL-CE), Professoras Dras. Luana Antunes e Marina Pereira de Almeida Mello.

[2] À época ocupava uma vaga de profa. substituta no curso de História.

[3] À época era doutoranda no Programa de História Social da Universidade Federal do Ceará

REFERÊNCIAS

DUARTE, Lima Constância. NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. Edição Especial – Rio de Janeiro: – Itaú Social: Mina Comunicação e Artes.

HOOKS, bell. *Irmãs do Inhame: Mulheres negras e autorrecuperação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Org. Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. Disponível em: <https://archive.org/details/beatriz-nascimento-uma-historia-feita-por-maos-negras-zahar-2021/page/n223/mode/2up>. Acesso em 06.06.25

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.